

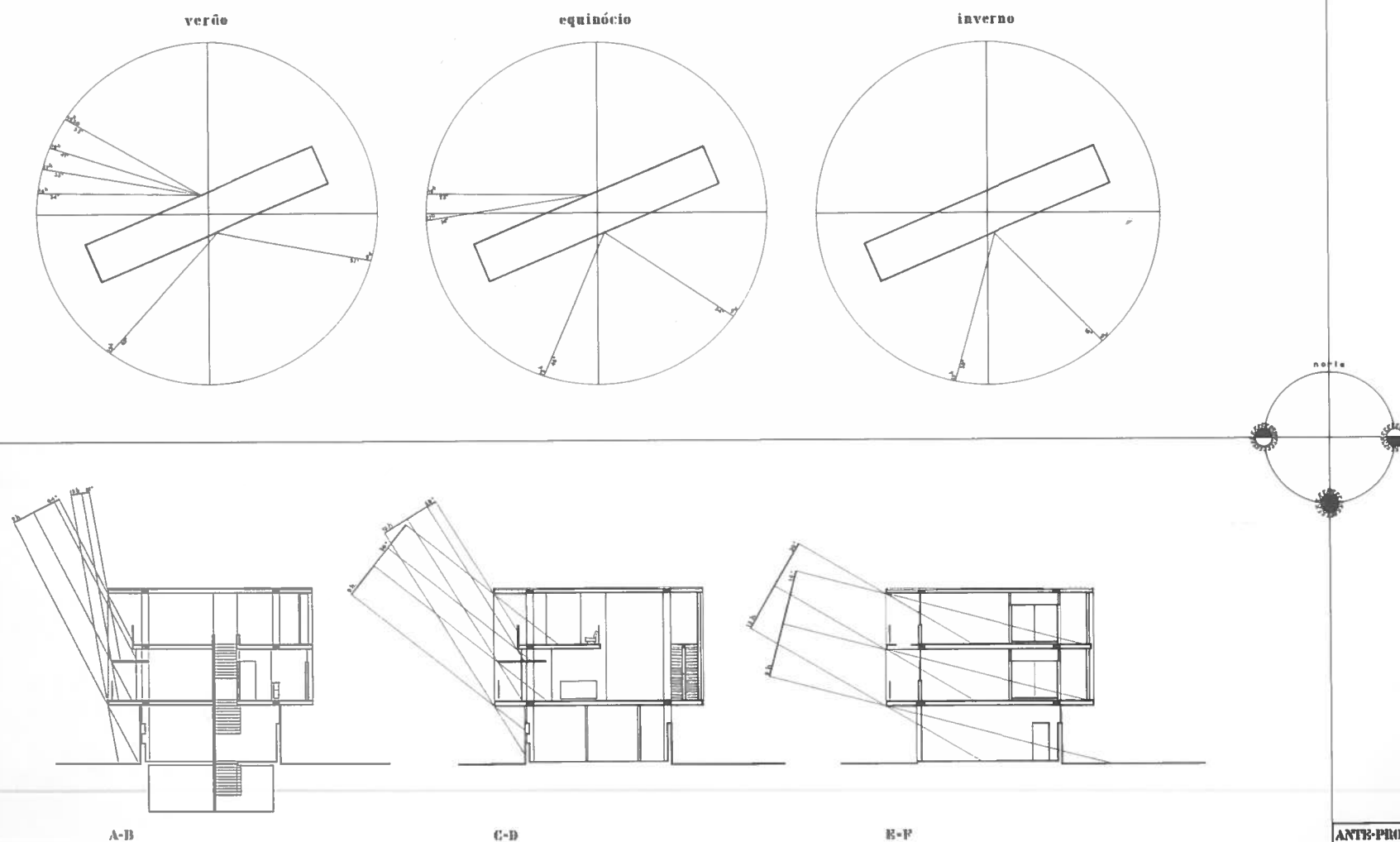
GRAÇA CORREIA

RUY D'ATHOUGUIA

Ana Tostões
Eduardo Souto de Moura
Hélio Piñon
João Luís Marques
João Pedro Falcão de Campos
e João Manuel Santa Rita
José Fernando Gonçalves
Manuel Mateus
Nuno Brandão Costa
Ricardo Carvalho

Edições
Afrontamento

U3



ANTE-PROJECTO DA POUÇA DA NAZARÉ
cortes e insolação
escala 1:100 e 1:500
arquitecto

AGRADECIMENTOS	4	CONTEXTO	40	Edifício Residencial Lote 1	200
PREÂMBULO	6	Síntese biográfica	41	Torre do Infante	204
Texto de GRAÇA CORREIA RAGAZZI		A OBRA	48	Complexo Residencial	212
Um moderno radical e aristocrata	9	ANOS 40: A PROCURA DA LINGUAGEM	52	Casa Pinto da Costa	218
Texto de ANA TOSTÕES		Cine-Teatro de Abrantes	58	Casa Dr. José Rosas	224
<i>Hiatouguia</i> e o «mapa»	10	Casa Solomon J. Brown	64	PRAÇA DE ALVALADE	230
Texto de EDUARDO SOUTO DE MOURA		Casa Kurt Volz	66	FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN	240
Informe de Helio Piñón, sobre la tesis	13	Escola do Bairro de S. Miguel	70	A incorporação do tempo	270
de Graça Correia		CASA MARIA AMÉLIA BURNAY	78	A MODERNIDADE EM ABERTO	278
Texto de HELIO PIÑÓN		CÉLULA VIII BAIRRO DE ALVALADE	84	A pousada da Nazaré	280
A igreja e o centro cívico de Carnaxide	15	Casa Ruy Athouguia	98	A Modernidade em aberto	306
Texto de JOÃO LUIS MARQUES		Um instrumento novo	108	Nota da autora	309
Passar o tempo na arquitectura de Ruy Athouguia	19	ANOS 50: A PRECISÃO DA FORMA	112	CURRICULUM VITAE	312
Texto de JOÃO PEDRO FALCÃO DE CAMPOS e		Estaleiro Naval	118	Elaborado por RUY ATHOUGUIA	
JOÃO MANUEL SANTA RITA		ESCOLA TEIXEIRA DE PASCOAES	122	ÍNDICE DE OBRAS	314
R. A.: desenho e construção como laboratório	20	CASA SANDE E CASTRO	130	BIBLIOGRAFIA	327
de projecto		Casa Câmara de Freitas	140		
Texto de JOSÉ FERNANDO GONÇALVES		Casa Pinto Coelho	142		
Ruy Athouguia	23	Casa Ruy Mendes	146		
Texto de MANUEL MATEUS		Casa Domingos Pepulim	147		
A provocação do Moderno	24	Casa Dr. Ruy Leitão	148		
Texto de NUNO BRANDÃO COSTA		Casa M. Guilherme da Costa	150		
Sobre a felicidade ou como construir o quotidiano	26	Casa Frederico Costa	151		
Texto de RICARDO CARVALHO		LICEU PADRE ANTÓNIO VIEIRA	154		
RUY D'ATHOUGUIA	30	Bairro da Federação das Caixas de Previdência	162		
INTRODUÇÃO	32	A consciência formal	172		
O encontro com Ruy d'Athouguia	33	ANOS 60: ACTUALIZAÇÃO	176		
O desencontro com Ruy d'Athouguia – um mal-		Edifício de Habitação Colectiva	184		
-entendido histórico-crítico	35	Edifício Gomes da Costa	192		
		Casa Batista Fernandes	194		
		Edifício de Habitação Colectiva	196		

A IGREJA E O CENTRO CÍVICO DE CARNAXIDE, UM PROJECTO NÃO CONSTRUÍDO DE RUY ATHOUGUIA

texto de JOÃO LUÍS MARQUES

Sabia-o, há já bom tempo, um dos autores do projecto para a sede e museu da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Só mais tarde, na passagem pelo atelier Correia Ragazzi, ficaria a conhecer parte do seu universo de modernas casas e obras dispersas pelo território reunidas no livro *Ruy d'Athouguia*, fruto da investigação da arq. Graça Correia. Voltaria à obra de Athouguia, passados alguns anos, quando me aventurei a pensar «A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975»⁽¹⁾. Ruy d'Athouguia não construíra nenhuma igreja que tivesse ficado na história. No entanto, problematizara a sua presença quando a projectou integrada num moderno centro cívico a construir na periferia de Lisboa:

«Naquelas terras, hoje nuas, de Carnaxide, serão rasgadas ruas, praças, avenidas. Serão construídos belos edifícios e erguida uma igreja. Serão plantados jardins e feitas escolas. Surgirão campo de cultura física e cinema. Numa palavra: haverá ali, em breve, uma cidade nova, 'construída de raiz', inteiramente concebida pela inteligência do homem e realizada pelo seu trabalho. Será uma cidade portuguesa moderna (...)»⁽²⁾.

Sobre o contributo de Athouguia para este pouco conhecido projecto, ele próprio testemunho de uma 'modernidade em aberto', tive a oportunidade de investigar e escrever o que aqui partilho:

«(...) o estudo de urbanização de Carnaxide, liderado por Ruy Jervis d'Athouguia para a empresa SOLÁTIA - Sociedade Nacional de Investimentos Imobiliários SARL, foi desenvolvido a partir das directrizes do Gabinete do Plano Director da Região de Lisboa. A partir do estudo realizado e dos parece-

res daquela entidade foram definidos princípios básicos que estruturariam o novo aglomerado, nomeadamente:

«a) constituição de um novo núcleo urbano a partir da povoação existente, procurando integrá-la de maneira válida no conjunto.

b) proximidade de diversas unidades industriais já instaladas, às quais o futuro aglomerado poderia proporcionar o necessário ambiente urbano, com possibilidade de englobar, dadas as suas características habitacionais, plenas de diversidade, as várias camadas de população num todo orgânico socialmente equilibrado.

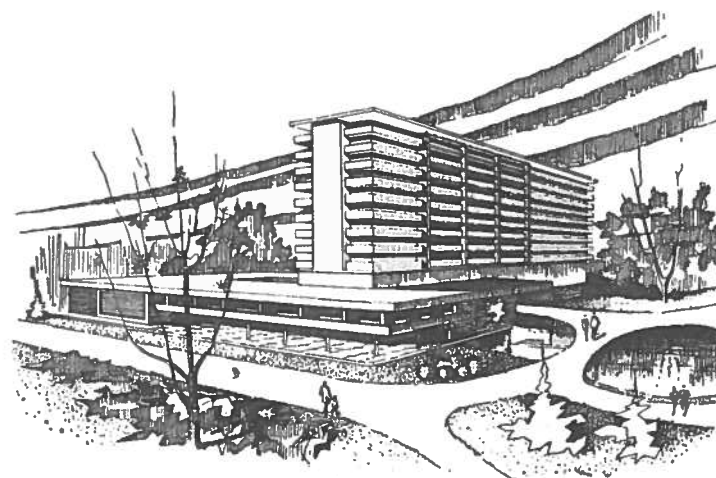
c) proximidade da capital para os interesses de ordem superior»⁽³⁾.

De facto, o plano da nova urbanização, publicitada como cidade nova e satélite apenas a 6 minutos de Lisboa, não seria indiferente ao aglomerado pré-existente integrado na área global de intervenção. Dizia a memória descritiva que:

«(...) a presença da parte nova virá trazer à velha povoação a revitalização necessária que fará despertar iniciativas

(...) O zonamento foi surgindo facilmente do encontro dos dados de aptidão, da lógica de estruturação do esquema viário principal e da presença do núcleo existente.

A pormenorização dos volumes construídos e das áreas livres resultou da consequente necessidade de realizar um conjunto equilibrado nos seus aspectos plásticos, paisagísticos e funcionais e que formasse um conjunto tanto quanto possível harmónico com a actual povoação»⁽⁴⁾.



1

A procura de harmonia traduziu-se também no desenho do traçado curvilíneo da estrutura viária proposta. Esta solução contrariava de forma evidente a rigidez da composição do antepiano, buscando uma melhor integração na paisagem⁽⁵⁾. O traçado viário principal definia as cinco grandes zonas da unidade de vizinhança, onde se dispunham blocos e *clusters* habitacionais servidos por impasses rodoviários e percursos de atravessamento pedonal. Toda a unidade de vizinhança seria envolvida por uma massa arbórea que, seguindo as práticas urbanísticas vigentes, garantiria o limite da área de expansão.

Entre folhas de desenho deste processo existente no Arquivo Municipal de Lisboa encontram-se também apontamentos da leitura do livro *Les dimensions et la structure sociale d'une ville* (1948) de Jean Canaux, deixando perceber a pesquisa realizada em torno da 'unidade de vizinhança' - tema explorado no plano para Carnaxide. Reteve Athougua a ideia da procura de equilíbrio no dimensionamento: ao nível populacional a unidade de vizinhança deveria ser, por um lado pequena, de modo a que, idealmente, toda a gente se pudesse conhecer, por outro deveria ser suficientemente grande para permitir a formação de subgrupos organizados em torno de interesses comuns. Perante a dificuldade de calcular um valor de referência, apontava como mínimo 7000 a 10.000 habitantes, necessariamente servidos por uma rede de equipamentos sociais que não estivessem a uma distância superior a 10 ou 15 minutos a pé. As dinâmicas neles promovidas, envolvendo, se possível, as associações existentes, seriam essenciais para a construção de um tecido social coeso que ultrapassasse as dificuldades duma população de estratos sociais desejavelmente

diversificados⁽⁶⁾, conforme sublinhou: «[a]s barreiras sociais desaparecerão quando os representantes das diferentes classes encontrarem unidade em interesses e fins comuns»⁽⁷⁾. Se os estabelecimentos de ensino e de comércio (lojas, mercado, restaurantes) eram necessários, os espaços destinados à cultura, desporto e lazer eram os que mais possibilitariam o envolvimento real da população, potenciando a formação de comunidade. Destacou Athougua a importância do centro social que deveria ser construído ao mesmo tempo das casas, permitindo acolher desde logo a população recém-chegada.

Ainda que na recensão bibliográfica nada remeta para a construção do equipamento religioso na unidade de vizinhança, facilmente podemos estabelecer paralelo entre esta leitura disciplinar do campo do urbanismo e a de natureza pastoral, suportada na abordagem da sociologia religiosa que temos vindo a analisar. Atente-se aos requisitos válidos para a definição de uma comunidade paroquial e para a construção de novas igrejas.

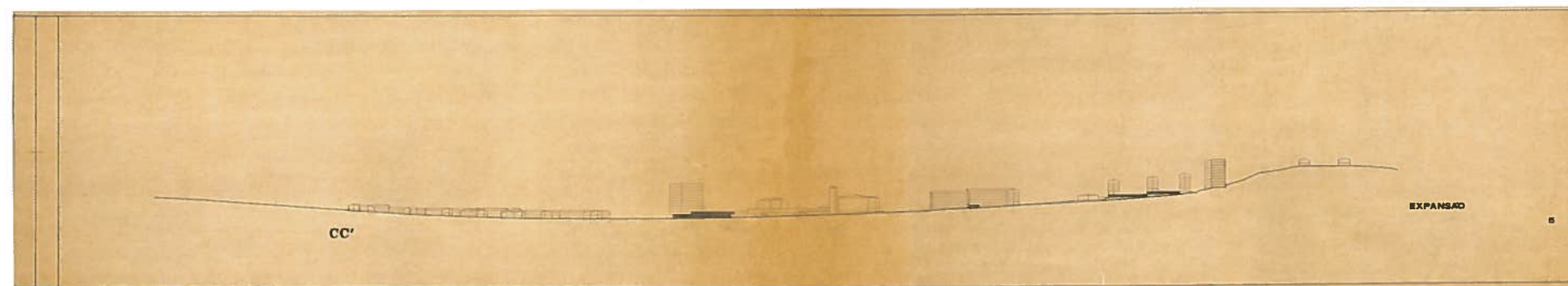
Noutros documentos do processo encontramos alguns elementos relativos à construção da nova igreja e centro paroquial de Carnaxide. A par dos dados do programa de urbanização, que destinavam ao complexo uma área de 3600 m², encontramos num estudo da memória descritiva uma clara referência às razões que justificaram a escolha do lugar da igreja na composição no bairro:

«O seu centro cívico, que procuramos caracterizar como uma unidade na qual estão hierarquizados os vários elementos, foi composto por forma a colocar num eixo principal de evidência a Igreja Paroquial, disposição tradicional dos aglomerados urbanos»⁽⁸⁾.

Figura 1. Carnaxide – *Diário de Lisboa*, 29 Janeiro de 1965, p. 26

Figura 2. Centro cívico da Urbanização SOLÁTIA (Oeiras, 1963-1965), Arq. Ruy Jervis Athougua. Desenhos, planta e perfil – Arquivo Municipal de Lisboa, PT-AMLSB-RJA-12-03, f. 7

Figura 3. Centro cívico da Urbanização SOLÁTIA (Oeiras, 1963-1965), Arq. Ruy Jervis Athougua. Desenhos, planta e perfil – Arquivo Municipal de Lisboa, PT-AMLSB-RJA-12-03, f. 15



Os desenhos mostram que o centro cívico pedonal desenvolver-se-ia numa sequência de plataformas ligeiramente elevadas e recuadas em relação à «espinha dorsal da urbanização» – o principal eixo rodoviário no interior do bairro, onde se dispunham também o centro desportivo e os dois centros de comércio secundários. À cota mais baixa, junto ao acesso e ao estacionamento automóvel, pontuado pelo bloco habitacional mais alto de todo o conjunto, estariam os espaços comerciais organizados à volta de um pátio interior, remetendo para o espaço tradicional de mercado. Noutra plataforma seria feito o acesso aos equipamentos culturais. Por fim, a mais elevada, seria o adro da igreja pontuado pela torre sineira destacada. Contrariando a solução corrente de edifícios de uso público independentes, todos os corpos do centro cívico estariam ligados, reforçando a ideia de unidade no conjunto de múltiplas valências. A localização do corpo da igreja e respectiva torre, junto ao cruzamento viário, no topo nascente do centro cívico, garantiria uma presença urbana de destaque, em contraponto ao grande bloco habitacional – marca identitária de todo o centro cívico⁽⁹⁾, lugar por excelência de convívio e encontro onde arquitectura e espaço público eram protagonistas. O desenho diversificado destes espaços seria ainda enriquecido com o arranjo paisagístico envolvente, sendo de destacar o curso de água que, atravessando toda a zona central, desaguaria num espelho de água junto ao centro cívico. O desenho moderno do conjunto procurava tirar partido do lugar e paisagem pré-existentes, invocando memórias do pitoresco mundo rural, associando ao novo centro urbano e à igreja o ribeiro e vegetação que recriavam uma

estrutura ecológica integrada no projecto global da urbanização.

O conturbado processo de construção e a crescente pressão imobiliária, levaria à descharacterização e ao abandono do projecto de Ruy d'Athouguia, conduzindo à revisão da proposta inicial.

Outubro de 2018

NOTAS

1. João Luís Marques, «A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975», Doutoramento em Arquitectura: Teoria, Projecto, História, FAUP, 2017.
2. Manuel Ferreira Trindade, «Uma cidade-satélite vai aparecer em Carnaxide a seis minutos de Lisboa...», *Diário de Lisboa* (23.Mai. 1964) [recorte de imprensa] Arquivo AMO.
3. Ruy Jervis Athouguia, «Apontamentos do projecto para o centro cívico e comercial Solátia em Carnaxide», Arquivo Municipal de Lisboa (1963-1965).
4. *Ibid.*
5. «Um, completamente adulterado na realização, foi o primeiro realizado no País com base num estudo de aptidão paisagística do local». Graça Correia, «CV por R.J.A.», em Ruy D'Athouguia, *a modernidade em aberto* (Caleidoscópio, 2008). O estudo pioneiro foi desenvolvido pelos arquitectos paisagistas António Barreto e Ponce Dentinho.
6. À semelhança do projecto do Vale de Algés, também em Carnaxide foi prevista a construção de casas para realojamento de população proveniente de barracas.

Cf. M. Norberto Corrêa – *Arquitectura e Urbanismo*, pp. 42-51.

7. [Ruy Jervis Athouguia], «Notas de livros. Les dimensions et la structure sociale d'une ville», Arquivo Municipal de Lisboa (c. 1965).
8. Ruy Jervis Athouguia, «Memória Descritiva», Arquivo Municipal de Lisboa, 196.
9. A mesma ideia de pontuar o centro cívico com uma construção destacada surge na urbanização da Portela onde, do centro comercial, emerge um bloco de escritórios e habitação com 20 pisos. A este propósito recordamos o trabalho do grupo de Roterdão apresentado no CIAM 8 (1951), um plano urbano em que o centro de cada unidade residencial seria pontuada por um grande edifício: «Questo edificio è contemporaneamente l'espressione dello spazio collettivo, un centro di attività locale e l'indicazione di quello che dovrebbe essere il Cuore del quartiere». Jaap Berend Bakema, «Rapporti tra uomini e cose», em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità* (Milão: Hoepli, 1954), p. 68.